

Exigências metodológicas da virada hermenêutica para a educação

Methodological requirements of hermeneutics turn for education

Por Adair Adams

Mestre em Filosofia (PUCRS)

Professor da URI

adair3001@yahoo.com.br

Por Fábio César Junges

Mestrando em Teologia (Escola Superior de Teologia)

Bolsista CNPq, Brasil

fabiocesarjunges@yahoo.com.br

Resumo:

Considerando a reviravolta provocada pela hermenêutica em várias áreas do pensamento, em especial no âmbito das ciências humanas, o presente artigo a descreve na educação, enquanto filosofia hermenêutica e hermenêutica filosófica, com seus princípios de justificação e elementos organizadores. Esses elementos organizadores compreensivos na educação levam a interpretar o presente como uma época da razão educativa hermenêutica. Ao apresentar a virada hermenêutica contemporânea, o artigo remonta a pressupostos do modo de operar e do horizonte geral da educação. Pensar a educação a partir da hermenêutica significa repensar seus pressupostos, seus limites, suas condições, sua estrutura, como condição do ser e fazer educação na compreensão de mundo do século XXI.

Palavras-chave:

Virada hermenêutica. Educação. Conhecimento.

Abstract:

Considering the turnabout caused by hermeneutics in several areas of thought, particularly within the humanities, this paper develops it in education, as hermeneutical philosophy and philosophical hermeneutics, as its principles of justification and organizing elements. This comprehensive organizing element in education leads to interpret the present as a time of the educational hermeneutics reason. In presenting the contemporary turn of hermeneutics, the article goes on assumptions of how to operate and the general horizon of education. Thinking about education from the hermeneutics means rethinking its assumptions, its limits, its conditions, its structure, as a condition of being and doing education in the understanding of XXI's century world.

Keywords:

Hermeneutical Turn. Education. Knowledge.

A hermenêutica no século XX se tornou o modo privilegiado de pensar das ciências humanas, ultrapassando os limites de sua origem, na Teologia e Filosofia, para adentrar no âmbito das ciências da Linguagem, da Psicanálise, da História e do Direito, dentre outras, e se apresenta como uma alternativa imprescindível para o fazer educacional.

Considerando a reviravolta provocada pela hermenêutica em várias áreas do pensamento, o presente estudo aponta algumas exigências hermenêuticas para a educação, explorando o presente como a época da razão educacional hermenêutica. Em termos de problematização, num momento da razão hermenêutica, ao mesmo tempo

rico e desafiador, a pergunta é pela caracterização e situação da educação no momento presente.

A relevância da indagação pelo lugar e função da hermenêutica no âmbito educacional e, por isso, também, a justificativa deste tema de pesquisa, tem como lugar de origem a crise de um tipo de pensamento e de alguns conceitos, historicamente, fundamentais para a constituição da educação. Entre estes, estão os conceitos de conhecimento, de verdade e de sujeito, com seus diversos desdobramentos. Com a presente investigação que procura repensá-los, torna-se problemático não apenas um estilo de fazer educação, que se pode escolher ou refutar, mas a atividade educacional enquanto tal passa a ser estudada e avaliada em seus limites e em sua produtividade. Exige, por isso, a revisão dos elementos organizadores tradicionais de reflexão; a introdução de novos temas na reflexão educacional; a adoção de perspectivas insuspeitadas de possibilidades interpretativas.

Trata-se da reivindicação de um elemento organizador que responde aos critérios de uma teoria hermenêutica educacional do sentido. Em termos fundamentais, significa guardar distância em relação à compreensão objetivista do conhecimento e da verdade, e se apresenta como exigência teórica e prática de um deslocamento, a saber, da educação como saber em constituição na e pela hermenêutica. A hermenêutica na educação, portanto, expressa uma caracterização essencial de todo o labor educacional, a fim de pôr a descoberto a raiz da problemática e a amplitude de sua tarefa. O presente ensaio, portanto, circunscreve-se pela indagação do sentido, do lugar e da sustentabilidade da hermenêutica na educação, num contexto em que as discussões filosóficas e o pensamento humano em geral buscam legitimar-se a partir da linguagem.

A virada hermenêutica

A virada hermenêutica, da epistemologia para a ontologia da compreensão,¹ marca profundamente as bases de todo o processo de cognição, não só na Filosofia, mas também no âmbito das diversas

disciplinas das ciências humanas, e se coloca como um pressuposto indepassável da educação. É possível afirmar que, hoje, em se tratando de ciências humanas, a hermenêutica é o pressuposto organizador de justificação e fundamentação. Portanto, com o advento da hermenêutica, em sua versão moderna, discursos autoritários, dogmáticos, legalistas, historicistas e fundamentalistas tiveram suas bases interpretativas abaladas.

A reviravolta provocada pela hermenêutica em várias áreas do pensamento tornou-se uma reflexão fundamental, como um pressuposto de justificação. Apesar do termo hermenêutica derivar do uso linguístico da teologia e dos problemas da compreensão bíblica,² o deslocamento atual verificado na hermenêutica, enquanto hermenêutica filosófica,³ coloca um problema fundamental: remonta a pressupostos do modo de operar e do horizonte geral da educação. Pensar a educação a partir da hermenêutica significa repensar seus pressupostos, seu limites, suas condições, sua estrutura... Esse é o real-interpretado que pretendemos abordar, com suas exigências metodológicas, para poder continuar a fazer educação no contexto do século XXI, como a época da razão hermenêutica da educação.

Afirmar que a hermenêutica é hoje a alternativa de pensar na educação significa também reconhecer-lhe a função de justificação ou legitimação do pensamento educacional, antes buscada na perspectiva ontológica ou em algum de seus desdobramentos, como, por exemplo, nos conceitos de verdade e de autoridade, justificados no modo de pensar da modernidade com características cartesianas. Em termos fundamentais, significa guardar distância em relação à compreensão metafísica onto-teo-lógica. Este modo de fazer educação não possibilita tomar positivamente a descontinuidade, a diferença e a pluralidade tão fortemente presentes e disseminadas em todas as áreas do saber contemporâneo.

² CORETH, Emerich. *Questões fundamentais de hermenêutica*. São Paulo: EPU, 1973. p. 5-43.

³ STEIN, Ernildo. Intepretacionismo: a tradição hermenêutica diante de duas novas propostas. In: REIS, Róbson Ramos dos; ROCHA, Ronai Pires da (Orgs.). *Filosofia hermenêutica*. Santa Maria: UFSM, 2000. p. 56.

¹ RICOEUR, Paul. *Conflito das interpretações*. Lisboa: Rés, 1989. p. 4-10.

Faz-se necessário estabelecer entre a história, a tradição e a contemporaneidade um estatuto teórico que aceite a descontinuidade, a alteridade e a diferença, possíveis de serem pensadas a partir do conceito de intersubjetividade, própria da dimensão hermenêutica dialógica. O trabalho educacional não se dá sobre uma série de proposições acabadas cuja inteligibilidade é procurada pelo sujeito cognoscente, segundo o esquema do sujeito e do objeto, e que nos procure explicar o que nos é dado compreender.

E a verdade não pode ser fechada num conjunto de verdades conceituais e nem na ordem da verdade objetiva, pensada segundo a lógica das proposições segundo o princípio da não contradição. Não podemos mais partir da ideia de verdade como a adequação entre o entendimento e a realidade, e sim encontrar uma verdade mais originária. Esta pertence à ordem da manifestação e nos remete a uma plenitude de verdade que permanece, todavia, sempre oculta.

A perspectiva hermenêutica e a interpretação permanente

Costumamos dizer que “levamos” uma conversação, mas a verdade é que, quanto mais autêntica é a conversação, menos possibilidade os interlocutores de “levá-la” na direção que desejariam. De fato, a conversação autêntica não é nunca aquela que teríamos querido levar. Antes, em geral, seria mais correto dizer que chegamos à conversação, quando não nos enveredamos nela. Como uma palavra puxa a outra, como a conversação dá voltas para cá e para lá, encontra seu curso e seu desenlace, tudo isso pode ter talvez alguma espécie de direção, mas nela os dialogantes são menos os que dirigem do que os que são dirigidos.⁴

Esta compreensão de linguagem e de conhecimento fornece uma nova base de discussão para a educação e para o ensino em geral. Os conceitos de realidade, de fato, de verdade e de resultado recebem uma nova dimensão, não mais baseada numa lógica da clareza e da evidência linguística e cognitiva, nem numa realidade como

um dado ontológico e nem num ser garantidor do status de veracidade na relação de pensamento e pensado, conhecimento e conhecido, falante e falado. O lugar de origem desta forma hermenêutica de pensar se dá com Kant, parcialmente, quando afirma que o que conhecemos é apenas o fenômeno, e com Nietzsche ao afirmar que a filosofia, as ciências, as verdades são “apenas interpretação”.⁵ Gadamer expressa veementemente este caráter não definido de um caminho que conduziria da linguagem aos fatos, à realidade. No movimento da linguagem, do qual participamos e somos parte, o resultado não é passível de avaliação, tal como Kant queria no começo da “Crítica da razão pura”.⁶

O lugar de origem da hermenêutica contemporânea está em Heidegger. Ela aparece primeiramente em *Ontologia: hermenêutica de la facticidad*,⁷ com a seguinte formulação: “o termo denomina, na ligação com seu significado originário: uma determinada unidade de realização do *hermeneuein* (do participar a alguém), quer dizer, a explicitação (interpretação) da facticidade que traz ao encontro, à vista, ao captar e ao conceito”.⁸ Heidegger mostra, nesta definição, uma reviravolta em relação ao conceito da hermenêutica precedente, não mais de caráter epistemológico, mas ontológico, ligado ao termo de facticidade. A facticidade “é a denominação para o caráter ontológico do nosso, do próprio *dasein*”.⁹ Dessa forma, na “hermenêutica se forma para o *dasein* uma possibilidade de se tornar compreendente para

⁵ NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre a verdade e mentira no sentido extra-moral*. São Paulo: Abril Cultural, 2000. p. 51ss.

⁶ KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Nova Cultural, 2000. p. 35: “Se a elaboração dos conhecimentos pertencentes ao domínio da razão segue ou não o caminho seguro de uma ciência, isso deixa-se julgar logo a partir do resultado. Quando após muito preparar-se e equipar-se esta elaboração cai em dificuldades tão logo se acerca do seu fim ou se, para alcançá-lo, precisa freqüentemente voltar atrás e tomar outro caminho; quando se torna igualmente impossível aos diversos colaboradores porem-se de acordo sobre a maneira como o objetivo comum deve ser perseguido: então se pode estar sempre convicto de que um tal estudo acha-se ainda bem longe de ter tomado o caminho seguro de uma ciência, constituindo-se antes um simples tatear”.

⁷ HEIDEGGER, Martin. *Ontologia: hermenêutica de la facticidad*. Madrid: Alianza, 1999.

⁸ HEIDEGGER, 1999, p. 14.

⁹ HEIDEGGER, 1999, p. 07.

⁴ GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 559.

si e ser assim”.¹⁰ Hermenêutica e facticidade são termos coimplicados em seu sentido: “a relação entre hermenêutica e facticidade não é aquela da captação do objeto e do objeto captado, ao qual aquela simplesmente se teria que adequar, mas o explicitar mesmo é um possível privilegiado como do caráter ontológico da facticidade”.¹¹

Na obra *Ser e tempo*, hermenêutica tem uma dimensão central. A compreensão é um modo de ser do ser-aí que compreende o ser ao se compreender, teorizando a hermenêutica ontologicamente. O ser-aí não simplesmente busca compreender o ser, como um querer em termos de conhecimento, mas ele sempre lida com o ser como um conceito operatório, que, por sua vez, revela-se no modo como compreende. Compreender é o modo pelo qual o ser-aí é como é. A ontologia heideggeriana se volta contra a ontologia precedente que, enquanto fenomenologia hermenêutica, parte da compreensão do ser e não mais do ente como simplesmente dado. Partindo desta base, a hermenêutica remete ao sujeito/ser humano, não simplesmente perscrutando o que ele é, mas como ele é; o modo de como o ser humano conhece dá indícios de como ele é.

A partir desta concepção de hermenêutica heideggeriana, posteriormente desenvolvida por Gadamer, a hermenêutica é o modo mais próprio de fazer filosofia. Filosofar significa interpretar, interpretar a realidade da vida, em seus mais diversos níveis e aspectos, mas não com o propósito de fazer o seu inventário, e sim, antes, de lhe atribuir um sentido. Filosofar é uma atividade que permanece no nível conceitual da reflexão, sem uma incursão direta sobre a realidade, sobre a fatualidade. Como ela é construção conceitual de compreensão e não construção dos objetos e sobre objetos, ela permanece no nível da interpretação. Também no setor do ensino, o que melhor corresponde ao que nele hoje se verifica é a perspectiva da filosofia hermenêutica.

Esta compreensão dinâmica da verdade e do conhecimento como acontecência na e pela linguagem em relação, em jogo, em diálogo, tem na intersubjetividade o pressuposto imprescindível.

Coimplicada pelo “ser-em”, “ser-no-mundo”, “ser-com” e o “ser-si-mesmo” na forma dialógica, torna-se muito mais que *uma alternativa*, mas o caminho possível de construção da verdade e do conhecimento na contemporaneidade. Esta nova compreensão de mundo aberta por Nietzsche e, sobretudo, por Heidegger revela, ao menos, dois elementos centrais: primeiro, há, em princípio, muitas possibilidades de interpretação, sem que se possa discutir sobre sua verdade, pois as interpretações não são expressão da realidade, mas esta, ao contrário, se esconde atrás delas, sendo apenas vista em perspectiva, como quebrada; em segundo lugar, o ser humano não pode dispensar essas interpretações; ele vive interpretando, e nisso está seu único acesso ao mundo e à vida.

Razão educativa hermenêutica

Na compreensão de mundo do presente não é mais possível ignorar o que Wittgenstein,¹² Heidegger¹³ ou Gadamer¹⁴ apontam como “giro linguístico”, “círculo hermenêutico”, “jogos de linguagem”, como determinantes, matrizes disciplinares do pensar e ser da educação. Desde as primeiras e mais simples regras hermenêuticas, não se pode ignorar a historicidade e o “lugar” ou “contexto”, tanto do texto quanto do intérprete, e, em estreita conexão, a “aproximação de horizontes”. Nesta perspectiva, a verdade, por exemplo, reside na linguagem, na palavra, que é sempre interpretação, como interpretação aberta e inacabada, num encontro de palavras em contextos com subjetividades em educação no presente. A compreensão disso produz uma descontinuidade na tradição, uma ruptura mais ou menos dolorosa na consciência dogmática, ou, conforme Kant, um “despertar do sono dogmático”, e uma necessidade recorrente de hermenêutica do estar em educação.

O caráter dialógico do ensino se torna possível a partir do pressuposto hermenêutico de todo

¹² WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

¹³ HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. 11. Aufl. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1967, § 32. p. 148: "Auslegung gründet existenzial im Verstehen, und nicht entsteht dieses durch jene".

¹⁴ GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 559ss.

¹⁰ HEIDEGGER, 1999, p. 15.

¹¹ HEIDEGGER, 1999, p. 18.

conhecimento e de toda verdade. A educação subtraída da fundamentação ontológica tradicional não é mais o método, o lugar, o caminho que conduz os alunos à verdade desta realidade. A verdade e a realidade da mesma são construções de interpretação e compreensão, numa relação entre professor e aluno. A unidade e a identidade que estavam na base da compreensão ontológica são substituídas pelo pressuposto da diferença, em que o aluno e o professor, cada um com seu contexto, com sua linguagem, com seus problemas, com suas facilidades e dificuldades, marcam a origem da construção da verdade, do conhecimento e do sentido.

Não apenas *o que* da educação é repensado a partir da hermenêutica, mas *o como* que lhe está intimamente interligado. É o que Gadamer afirma sobre entrar numa conversação, num diálogo, sem saber como será o resultado. Em educação os resultados e os objetivos passam a ser pensados e compreendidos no âmago próprio do *o que* e do *como* do ensino e da aprendizagem. E, atravessando os dois, *o quando* e *o onde*, como a dimensão da temporalidade que nos constitui, como o lugar e o mundo na totalidade da existência. A temporalidade e a espacialidade do aluno e do professor passam a serem fundamentais, a partir da perspectiva hermenêutica.

Acreditar na estabilidade e linearidade do conhecimento é acreditar que a própria linguagem é estável e segura, suposição que não faz sentido na perspectiva hermenêutica. Não mais se compreende o conhecimento como claro e distinto, desde que seja utilizado um eficiente método investigativo.¹⁵ É no e pelo processo que vai se constituindo o conhecimento e a aprendizagem. A ação pedagógica, neste sentido, não se encontra colocada do lado de fora do processo, como instância neutra e eficaz, mas é também vulnerável ao caráter particular e histórico de todo conhecimento.

Na impossibilidade de um lugar fora da dimensão de interpretação, porque interpretar já manifesta um modo de compreender e compreender é, segundo Heidegger, o modo privilegiado do ser humano, não há como qualificar e julgar de forma clara e evidente sobre a veracidade e falsidade das interpretações. Esta provisoriedade das interpretações revela a finitude como a marca e a natureza própria do conhecimento e da verdade e, portanto, do próprio ser humano. É precisamente no assumir de sua finitude e provisoriedade que estão o distintivo e a realização do ser humano. O que parece falta ou lacuna pode ser o ponto de partida para a plenificação.

A partir dessa mudança conceitual na educação e em seus pressupostos de construção do ensino e da aprendizagem, é ilusório esconder a precariedade dos saberes e, em nome de uma falsa segurança, inventar e transmitir pretensas verdades. É muito mais adequado e inteligente um procedimento didático-pedagógico em que o professor partilha com os alunos a precariedade de seu saber e com eles busca refazê-lo. Nisto está o direcionamento que a educação está tomando a partir do conceito de formação continuada. Não há um ponto de chegada que permite uma parada qualificada de um aparato ou de um lugar garantidor de justificação e fundamentação como os diplomas de formação têm qualificado como “formado”.

Pensando a educação a partir deste acontecimento na filosofia e nas ciências humanas, é preciso dizer que se dá uma virada metodológica. A forma e o conteúdo não são pensados de forma separada. A verdade e o conhecimento não são objetos ou uma representação dos objetos que pode ser ensinada aos outros. Da mesma forma que a justificação desceu do céu (Deus, Ente Primeiro, Onto-teo-lógica) para a dimensão do mundo humano, o professor desceu da cátedra para o mundo como resultado do diálogo para com os alunos. Analogamente, também, a subida da justificação naturalística para a dimensão humana se dá a subida dos alunos ao mundo que se constrói com o diálogo da compreensão de mundo dos professores. Esta é conquista própria da hermenêutica: justificar e fundamentar a partir do

¹⁵ DESCARTES, René. *Discurso do método*. São Paulo: Nova Cultural, 2000. p. 35. “Pois é insuficiente ter o espírito bom, o mais importante é aplicá-lo bem. As maiores almas são capazes dos maiores vícios, como também das maiores virtudes, e os que só andam muito devagar podem avançar bem mais, se continuarem sempre pelo caminho reto, do que aqueles que correm e dele se afastam”.

mundo como compreensão e interpretação humana.

Pensar a educação a partir da perspectiva hermenêutica significa recusar as explicações unívocas e as fáceis conclusões. O trabalho se dá, assim, na trama mesma do discurso, no nível mesmo da existência das palavras, das coisas ditas, desprendendo-se da noção de discurso como soma de signos, com significantes que referem determinados conteúdos unívocos e representáveis, como se em seu interior o sujeito autossuficiente pudesse encontrar a verdade pura. Se tiradas consequências da abordagem hermenêutica para a área da educação, diversas compreensões educacionais acabam perdendo sua sustentação ou, ao menos, revelam-se como problemáticas.

Considerações finais

Repensar as bases da educação a partir do pensamento hermenêutico vem se constituindo na possibilidade do ser, pensar e fazer pedagógico atual como época da razão educativa hermenêutica. Com isso, não estamos afirmando o pensamento hermenêutico como o novo método pedagógico. Queremos afirmar, com ele, a importância de repensar as bases da educação em suas dimensões de resultado, de ensino, de método, de conteúdo, de objetividade, de realização humana, etc., muitas vezes compreendidas como prontas e acabadas. Acreditamos que a prática educativa é muito mais possibilidade de pensamento, de análise crítica daquilo que comumente se aceita como o conhecimento, como sendo a verdade última das coisas.

O mundo de hoje, verdadeiramente humano, porque profundamente marcado pela liberdade e pela responsabilidade do ser humano, enquanto ser de interpretação e compreensão, é, em verdade, o mundo hermenêutico do ser em sua humanidade. Nesse sentido, a sala de aula, na medida em que aí se constrói conhecimento e se partilha responsabilidade, é apenas uma pequena amostra e, certamente, um importante ensaio para uma vivência do humano ser-no-mundo. A discussão hermenêutica, em suas diversas concepções, constitui-se em seu caminho. Um ensino

ministrado em sintonia com o atual estado de discussão teórica pode eventualmente frustrar os alunos que vão à aula em busca da verdade, segurança teórica para sua vida profissional, mas jamais poderá descuidar da formação de consciências abertas, responsáveis e criativas, que reconheçam a necessidade de aprendizagem e formação permanentes.

Diferentes compreensões educacionais acabam perdendo o sono tranquilizante do sonho metafísico, na medida em que a tarefa educacional se configura muito mais próxima ao trabalho do detetive que, em intrincadas e confusas pistas, precisa ordenar, classificar, perguntar mais uma vez e, quando pensa ter chegado ao termo, dar-se conta uma vez mais que foi realizada *apenas* mais uma leitura, mais uma interpretação entre tantas outras explorações possíveis. Pensar, repensar o pensado para poder pensar o novo, o diferente, o ainda não pensado torna a educação um pensamento em constituição e uma reflexão sobre a própria constituição quando se torna constituída. Mais importante do que aprender muitos conteúdos, que em breve estarão superados, é ser capacitado para repensá-los e reorganizá-los. O apreender deixa de ser pensado em termos de consciência de si para ser pensado como compreensão. O apreender é compreensão de si no mundo com os outros ser-no-mundo.

[Recebido em: setembro 2009 e
aceito em: novembro 2009]